

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO ECOFEMINISTA DE VAL PLUMWOOD

Autor: ADEMAR PIRES GOULART JÚNIOR¹;
Orientador: NUNO MIGUEL PEREIRA CASTANHEIRA²

¹Universidade Federal de Pelotas – goulartjunior@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – npcastanheira@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa que vem sendo realizada sobre o pensamento da filósofa ecofeminista australina Val Plumwood. Assim, ele trata da principal obra da pensadora, a saber, *Feminism and the Mastery of Nature* (1993), na qual Plumwood mostra como a explicitação e crítica de uma estrutura dualista, presente na tradição do pensamento ocidental, é fundamental para se estabelecer novas bases para um conceito de política que considera uma continuidade entre mundo humano e mundo natural. Isso é importante para a filósofa, pois, segundo ela, o dualismo constitui a base para se compreender a relação entre diferentes formas de opressão, que deixaram marcas na cultura ocidental na forma de uma rede de dualismos que constituem "a paisagem política moderna" (PLUMWOOD, 1993). A partir da obra, espera-se mostrar que o pensamento de Plumwood pode servir como uma ferramenta política para o enfrentamento da crise ecológica atual.

Val Plumwood, nasceu em 11 de agosto, de 1939, em *Terry Hills*, um subúrbio ao norte de Sidney, no estado de *New South Wales*, na Austrália. Batizada Val Morell, ela mais tarde adotou o sobrenome "Plumwood" em referência à *Plumwood Mountain*, local onde morou até seu falecimento, numa região rural a leste da capital Camberra. Formada em Filosofia na Universidade de Sidney, Plumwood fez pós-graduação em Lógica, na Universidade da Nova Inglaterra e recebeu um título de PhD na Universidade Nacional da Austrália. Em 1973, junto com Richard Routley, seu marido na época, escreveu a obra "*The Fight for the Forests*", que tornou ambos conhecidos como ambientalistas. Plumwood faleceu em 29 de fevereiro, de 2008, na cidade de Braidwood, após sofrer um Acidente Vascular Cerebral.

A trajetória da filósofa australiana mostra sua grande preocupação com questões ambientais e suas obras revelam seu envolvimento com o campo do ecofeminismo. Esses traços de seu pensamento podem ser identificados em sua obra *Feminism and the Mastery of Nature*, de 1993, que tem como objetivo "desenvolver um feminismo ambiental que pode ser chamado de feminismo ecológico crítico, que seja totalmente compatível e possa ser fortemente baseado na teoria feminista" (PLUMWOOD, 1993, p. 1), e propõe tornar o feminismo ecológico uma ferramenta política. Com base nisso, pretendeu-se investigar o que Plumwood quer dizer com "ferramenta política" e como sua proposta pode contribuir para discussões atuais sobre a crise ecológica e sobre Filosofia Política.

Plumwood dedicou grande parte de seus esforços à crítica da estrutura dualista presente na cultura ocidental, uma estrutura lógica que está na base daquilo a que chama "quatro placas tectônicas" da libertação: classe, raça, gênero e, claro, natureza, cuja inclusão constitui um dos elementos mais inovadores da sua proposta teórica e política. Segundo ela

As formas de opressão do presente e do passado deixaram traços na cultura ocidental como uma rede de dualismos, e a estrutura lógica do dualismo constitui uma base importante para a conexão entre formas de opressão. (...) a cultura ocidental tem tratado a relação homem/natureza como um dualismo e isso explica muitas das características problemáticas do tratamento que o Ocidente dá à natureza que está subjacente à crise ambiental, especialmente a construção ocidental da identidade humana como "fora" da natureza (PLUMWOOD, 1993, p. 2).

Identificando a estrutura dualista é possível superar essa "hiperseparação" entre humanos e o resto da natureza gerada por esse dualismo, que

repousa na suposição de que há uma divisão categórica entre humanidade e natureza: os seres humanos são dotados de algo que falta ao resto da natureza. Esse "algo" é assumido, naturalmente, como sendo a mente. Assim como plantas, animais e rochas, somos feitos de matéria, mas, além de nossos corpos materiais, possuímos mentes, e as mentes são de alguma forma categoricamente diferentes dos corpos e superiores a eles (MATHEWS, 2008, p. 328).

Essa divisão mente/corpo, historicamente construída, constitui muitas das categorias do pensamento ocidental, estabelecendo uma lógica dualista que torna inferior termos associados ao corpo - como o feminino, a classe proletária, os colonizados, os indígenas - e que legitima a dominação e opressão de certos grupos. E o dualismo mente/corpo está ligado a outro, a saber, aquele entre humano/natureza, que permite questionar-se as relações entre ambientalismo e ação política. Desse modo, propõe-se aqui que a exposição da estrutura dualista e a crítica realizada por Plumwood ao pensamento ocidental tem muito a contribuir para uma redefinição do conceito de política, considerando-se este como uma forma de atingir um estágio mais avançado nas relações com a natureza e de reagir contra uma forma destrutiva e dualista de cultura.

Em *Feminism and the Mastery of Nature*, Plumwood trata do modo como a crítica feminista das formas de racionalidade estende-se a teorias sobre a opressão de gênero, raça e classe, através do domínio da natureza e propõe um feminismo ambiental capaz de fornecer uma estrutura comum e integrada para uma crítica que engloba a natureza como quarta categoria numa teoria feminista expandida que emprega raça, classe e gênero na análise da dominação e colonização. De acordo a filósofa, feminismo e ecofeminismo desempenham um papel fundamental na análise da lógica de dominação, porque o primeiro, em seu desenvolvimento histórico, encontra-se ligado a outras formas de dominação, em especial os de raça e classe, e o segundo contribui para a teorização das relações entre a opressão das mulheres e a dominação da natureza.

Uma abordagem feminista da dominação da natureza apresenta uma fronteira adicional essencial, mas difícil, para a teoria feminista, ainda mais testada e controversa porque a problemática da natureza tem estado intimamente entrelaçada com a de gênero. Como a "natureza" tem sido uma categoria muito ampla e mutável e abrangeu muitos tipos diferentes de colonização, uma explicação adequada da *dominatio* da natureza deve basear-se amplamente em relatos de outras formas de opressão e tem um importante papel integrador (PLUMWOOD, 1993, p. 1).

Desse modo, Plumwood contribui para uma mudança de paradigma, pois, "desafia os antigos conceitos sociais, acadêmicos e políticos e produz uma dura crítica à construção daquilo que se considera como realidade e valores estabelecidos na tradição ocidental" (GODOY, 2013, p. 14).

2. METODOLOGIA

A metodologia do presente trabalho consiste na realização dos procedimentos hermenêutico e analítico que envolveu a leitura, e a interpretação e análise da obra "*Feminism and the Mastery of Nature*", de Val Plumwood.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Um dos elementos centrais no pensamento de Plumwood é a identificação que a filósofa realiza da estrutura dualista que atravessa toda a cultura ocidental, que ela descreve como

(...) um sistema de ideias que considera a razão radicalmente separada, como a característica essencial dos humanos e situa a vida humana fora e acima de uma natureza inferiorizada e manipulável. O racionalismo e o dualismo humano/natureza estão ligados através da narrativa que mapeia a supremacia da razão na supremacia humana, através da identificação da humanidade com a mente e a razão ativas e dos não-humanos com corpos passivos e negociáveis (PLUMWOOD, 2002, p. 4).

Em outras palavras, dualismo é "o processo pelo qual conceitos contrastantes (por exemplo, identidades de gênero masculinas e femininas) são formados por dominação e subordinação e construídos como oposições e exclusões" (PLUMWOOD, 1993, p. 30). Nesta estrutura lógica, há uma supervalorização de um lado racional, masculino, branco, civilizado, colonizador colocado em oposição a um lado inferior natural, feminino, não-branco, primitivo, colonizado. E os polos dessa estrutura dupla se caracterizam, segundo Plumwood, pela exclusão de determinados elementos possuídos por um lado e não compartilhados pelo outro. Através do dualismo, o polo dominante, aquele que detém o poder, forma a identidade do outro de maneira distorcida.

Detalhando essa estrutura lógica dualista, Plumwood identifica os seguintes aspectos: o plano de fundo, ou negação (*background – denial*); a exclusão radical, ou hiperseparação (*radical exclusion – hiperseparation*); a incorporação, ou definição relacional (*incorporation – relational definition*); o instrumentalismo, ou objetificação (*instrumentalism – objetification*); e a homogeneização, ou estereotipagem (*homogenisation – stereotyping*). O plano de fundo minimiza a dependência que o opressor possui do oprimido e desvaloriza a importância e o apoio que este presta ao mestre, ao dominante. A hiperseparação destaca um traço de distinção entre os polos do dualismo. No momento que se identifica um aspecto não partilhado entre o dominante e dominado, o mestre o valoriza intensificando a diferença. A definição relacional determina o lado considerado inferior do dualismo como falta, ausência, deficiência de algo em relação ao superior. Com a objetificação, diz Plumwood, lado inferior do dualismo é objetificado, sendo considerado sem fins próprios, de modo a possibilitar a imposição das finalidades e objetivos do dominador. Uma vez que os polos do dualismo são considerados em termos de superioridade e inferioridade, é natural que o mestre trate o lado inferior como meio para seus fins. E a homogeneização, torna a classe dominada uma única massa homogênea de modo a conformar-se e confirmar a sua "natureza". Na homogeneização, as diferenças entre os membros do grupo inferiorizado são desconsideradas; para o dominante todo o resto é apenas isso: "o resto", os outros, o plano de fundo para as suas realizações e os

recursos para as suas necessidades. A diversidade e a multiplicidade que excedem seus desejos não precisam ser reconhecidas.

4. CONCLUSÕES

O centro da crítica realizada por Plumwood, mais especificamente na obra *Feminism and the Mastery of Nature*, concentra-se na análise da lógica dualista da racionalidade visando à redefinição de formas não opositora e hierárquica. Descobrir a identidade política implícita nas formas dominantes de razão significa aumentar o escopo e o poder da análise política de modo a superar a hiperseparação entre humano/natureza que, segundo a filósofa, contribui para diversas outras formas de dominação, como a de gênero, raça e classe. Para Plumwood, é preciso uma estrutura integrada comum para realizar a crítica às diversas formas de dominação, pois não é possível enfrentar - e esperar solucionar - problemas políticos como a discriminação de gênero e raça, as desigualdades sociais e a urgente crise ecológica, sem alterar a lógica do modelo dominante que se encontra na base do pensamento ocidental. E isso envolve, além de questões teóricas, filosóficas e epistêmicas, uma ação política mais ampla e consciente. E seu feminismo ecológico crítico, nesse sentido, tem a capacidade de rejeitar tanto as escolhas distorcidas geradas pelo dualismo cultura/natureza, como um modelo de cultura masculinizada e de oposição. O feminismo ecológico crítico que resulta desta abordagem não conteria pressupostos que não fossem aceitáveis do ponto de vista feminista ao considerar a categoria da natureza como ponto chave e como movimento político de representação da vontade das mulheres, de avançarem para uma próxima fase de suas relações com a natureza, para além da inclusão impotente na natureza, para além da reação contra a sua antiga exclusão da cultura, e em direção a um posicionamento ativo, deliberado e reflexivo, colocando-se contra uma forma de cultura destrutiva e dualizante.

Enfim, o que Plumwood realiza, como preparação de sua proposta para uma filosofia ambiental feminista, é uma crítica a certos aspectos do movimento feminista e da lógica dualista dominante que opera na racionalidade moderna ocidental e que ainda devemos analisar mais profundamente, em outros momentos da pesquisa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. PLUMWOOD, Val. **Feminism and the Mastery of Nature**. London: Routledge, 1993.
2. _____. **Environmental Culture: The ecological crisis of reason**. London: Routledge, 2002.
3. _____. **Women, humanity and nature**. *Radical Philosophy*, 48, 1988, p. 16-24.
4. GRIFFIN, N. **Val Plumwood**. In J.A. Palmer (ed.), *Fifty Key Thinkers on the Environment*, Routledge: London and New York, 2001, p. 283-289.
5. GODOY, C. A. **La Crítica de la Razón y del Dominio em Val Plumwood y el Feminismo Ecológico Crítico**. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2013.
6. MATHEWS, Freya. **Vale Val: In Memory of Val Plumwood**. In: *Environmental Values*, The White Horse Press, Vol 17, 2008.